

514
FRANCISCO FERNANDES LOPES

A MÚSICA
DAS
CANTIGAS DE
SANTA MARIA
E
OUTROS ENSAIOS

CÂMARA MUNICIPAL DE OLHÃO
1985

FRANCISCO FERNANDES LOPES

A MÚSICA DAS
CANTIGAS DE SANTA MARIA
E
OUTROS ENSAIOS

EDIÇÃO COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO DO ESCRITOR
(1884-1984)



EDIÇÃO DA
CÂMARA MUNICIPAL DE OLHÃO

COMISSÃO PROMOTORA DAS COMEMORAÇÕES DO I CENTENÁRIO
DO NASCIMENTO DE FRANCISCO FERNANDES LOPES

TODOS OS LIVROS SÃO NUMERADOS E AUTENTICADOS
PELA CÂMARA MUNICIPAL DE OLHÃO.

A MÚSICA DAS
CANTIGAS DE SANTA MARIA
E
OUTROS ENSAIOS



0514

Execução gráfica e revisão:
AGÊNCIA CMC - Publicidade
R. D. Francisco X. Noronha, 4-6. Dto.
Tel. 275 33 13 — 2800 ALMADA

Impressão:
ROLIMPRI — Artes Gráficas, Lda.
Cova da Piedade — 2800 ALMADA

TRAGEM: 1000 exemplares

SETEMBRO DE 1985

Sobre as miniaturas das Cantigas de Santa Maria do rei Afonso X, o Sábio*

Bem se saberá, porventura, o que as célebres *Cantigas de Santa Maria* do Rei Afonso X, o Sábio, representam, sob o ponto de vista literário, na história da poesia trovadoresca galaico-portuguesa, desde a revelação feita ao mundo culto, em 1889, por obra da Real Academia Espanhola e graça do seu erudito sócio, o ilustre marquês de Valmar, nos dois riquíssimos volumes então dados à estampa, em primeira e até agora única edição, sobre a qual terá vantagem, quanto ao texto, sendo correcta e aumentada, integral mesmo, a nova publicação que, pela douta Direcção das *Acta Universitatis Conimbrigensis* se tem vindo a fazer das cantigas (editadas por Walter Mettmann), publicação de cuja importância bastará dizer-se que é a primeira e completa que se faz, entrando em conta com o texto do códice da Biblioteca Nacional de Florença a mais dos três códices espanhóis que a edição Valmar unicamente utilizara.

Como as *Cantigas* (na sua totalidade mais de 400) se encontram quase todas acompanhadas da respectiva melodia, sendo como se sabe poesia cantada e não meramente recitada, segundo o uso da época, tem a decifração desta música constituído um grande problema, em vias de solução desde a tentativa do ilustre arabista espanhol D. Julián Ribera ao trabalho monumental do ilustre musicólogo catalão D. Higinio Anglés, tentativas a que, tendo eu também estudado devidamente o assunto, não pude deixar de opor observações e reflexões críticas que constam das minhas comunicações aos Congressos Luso-Espanhóis de 1944, 1951 e ainda ultimamente 1962, além de outras

* Artigo publicado na página literária do *Diário Popular*, 20-XII-1962.

publicações, pois continuo prosseguindo na tarefa de há muito empreendida, segundo um método original.

Independentemente porém destes dois aspectos, literário e musical, e do contexto das Cantigas para a história da cultura medieval, um outro valor artístico oferecem os Códices: o das suas preciosas iluminuras, acerca das quais, na referida edição inicial, a pág. 48 do I volume, se diz o seguinte:

“Para muestra de las miniaturas, publica la Academia, en la presente edición copias cromolitográficas de diez láminas de los Códices Escorialenses”.

“Esta reproducción gráfica, en fidelidad, primor y corrección, deja no poco que desear, y queda á gran distancia de los originales de los Códices. Como quiera que sea, basta para formar algun concepto de la lozania de invención, de la fantasia decorativa, y principalmente de la candorosa y simpática verdad que anima la piadosa inspiración de aquellos anónimos artistas”.

Para mera orientação, convirá recordar que representando os 4 Códices das Cantigas, como que 3 edições sucessivas da mesma obra poético-musical, a 1.^a constaria do Códice hoje em Madrid, na Biblioteca Nacional, contendo as cento e vinte e tantas cantigas, pelas quais Afonso X começara o seu trovadorismo mariano, Códice este apenas com trabalho artístico das letras iniciais das Cantigas. A 2.^a edição, em 2 volumes de grande tomo contém porém iluminuras de página inteira, uma ou duas páginas por cada cantiga, e são as mais notáveis a todos os respeitos, pois a 3.^a edição, de menor tamanho, mas num volume único, porém mais volumoso, apenas contém miniaturas pequenas quadradas, no começo das cantigas de louvor, cada uma de dez em dez cantigas de milagres.

São assim as miniaturas mais importantes as dos dois volumes enormes da 2.^a edição, um dos quais é o que foi parar a Florença, enquanto o outro se guarda na Biblioteca do Mosteiro de S. Lourenço no Escorial (o T. J. I. como se costuma designar).

Bem faz notar, na sua importantíssima *Historia del Arte Hispanico* (vol. II, pág. 281) o ilustre marquês de Lozoya que “na pintura hispânica dos séculos XIII e XIV as miniaturas obtêm um papel preponderante. Se na Idade Média a iluminação de códices tinha um carácter preferentemente ornamental, já no século XIII os iluminadores desenvolviam sobre o pergaminho composições muito mais complicadas do que as que executavam os pintores sobre as paredes ou nos retábulos. Enquanto estes se viam obrigados a cingirem-se a um

número de assuntos ainda assim limitado, e se sujeitavam a cânones pouco variáveis, o campo entregue aos miniaturistas era enorme. Frequentemente os mesmos artistas decoravam as paredes dos templos ou as páginas dos livros, como nos consta de Ferrer Bassa e de muitos outros mestres catalães, castelhanos ou portugueses. A arte de ilustrar códices, entregue nos primeiros séculos medievais aos escritórios dos mosteiros, sai no século XIII dos claustros para ser ofício próprio de clérigos e seculares. Favorece a sua difusão o afã pela cultura que se desenvolve no mesmo século XIII, o século das catedrais, das universidades e da filosofia escolástica. Muitos grandes personagens eram bibliófilos consumados, mas nenhum tão destacado como Afonso X de Castela... o qual não só presidia ao ingente movimento cultural que ainda nos assombra, mas tinha cuidado de o consignar em códices maravilhosos, de insuperável beleza”.

“A colecção de códices de Afonso X constitui um conjunto único na Europa pelo valor ornamental das suas ilustrações”.

Ora destes códices, são os das *Cantigas* os mais copiosamente ilustrados e os de maior interesse iconográfico, porque o assunto — milagres de Nossa Senhora, ocorridos muitos de eles nos mesmos tempos do rei poeta, nos ambientes mais diversos e entre as mais diversas classes sociais da variegada Espanha do século XIII — obrigava o pintor a converter-se num narrador de histórias, cheio de graça e de intenção. As composições poéticas em língua galaica, que dão motivo às iluminuras, foram escritas pelo régio trovador ao longo da sua vida, porém não compiladas senão ao final dela, em riquíssimos códices que o rei deixava em testamento à igreja onde viesse a ser enterrado, para que as melodias suaves, entoadas nas festividades da Virgem, embalassem o seu derradeiro sono. Conservam-se quatro exemplares destes códices reais. Dois deles foram trazidos para o Escorial por Filipe II, da cathedral de Sevilha, e outros dois chegaram por caminhos desconhecidos: a Toledo — este exemplar está hoje em Madrid, na Biblioteca Nacional — e a Florença (Biblioteca Nacional). O exemplar mais antigo é o de Toledo, porém somente as iniciais são ornamentadas. Muito mais interessantes são os escorialenses. No que tem a assinatura *j. b. 2* o interesse apoia-se sobretudo nas duas miniaturas em que se representa o Rei Sábio: numa, rodeado da sua estranha corte de amanuenses e jograis; na outra, em meio dos seus músicos e de coros de cantores de ambos os sexos. As ilustrações são numerosas — um quadro da largura de uma coluna, de dez em dez cantigas — porém representando exclusivamente um ou dois músicos tangendo diversos

instrumentos, tem a firma *Joannes Dundisalvi*. Os dois códices escoria-lenses *T. J. I.*, e o florentino são muito mais notáveis; sem dúvida, a obra capital da miniatura europeia no século XIII. Em ambas as ilustrações ocupam a página inteira, na qual o espaço está distribuído geralmente em seis cenas, por meio de bandas ornamentais, frequentemente adornadas com o brasão do rei. Cada uma destas cenas leva em cima um letreiro em galego e na sua disposição segue-se a tendência, de origem românica, de pôr os personagens sob fantásticas arquitecturas. Ainda que em cada códice interviessem, sem dúvida, vários miniaturistas, não eram muito desiguais nos seus dotes pictóricos, e os conjuntos são bastante homogêneos. As numerosas e expressivas figuras de cada cena, finamente desenhadas e cheias de animação, costumam destacar-se sobre o fundo do pergaminho. Não é uma pintura plana, senão que, sobretudo nas vestimentas, se intenta o relevo por meio de claro-escuro. Empregam-se tonalidades muito vivas (branco, negro, vermelho, amarelo, carmim, azul e violeta) e o ouro e a prata aplicam-se com parcimónia e bom gosto. "O conteúdo anedótico das poesias do Rei Sábio (escreve Dominguez Bordona), deu motivo aos ilustradores para interpretar multiformes cenas em que intervêm actores de toda a condição social: homens e mulheres, religiosos e laicos, cristãos, mouros e judeus, reis, comerciantes, senhores, mendigos... Elas ensinam-nos como se pelejava e como se administrava justiça, como se navegava e se praticava o comércio; referem-se, ora aos esplendores do culto religioso ora ao brilhantismo dos desportos; mostram-nos os homens de então na animação da rua, nas fainas campesinas, no exercício das artes plásticas e musicais, nas interioridades do lar. São, enfim, expressão gráfica e completa da vida medieval, na paz e na guerra, nas cidades e no campo, na terra e no mar, nas relações públicas e na intimidade da família. O miniaturista relatou com a mesma precisão de detalhe, com igual exactidão pitoresca, as cenas solenes, as humildes e ainda as irreverentes e escabrosas, matizando-as por vezes com notas de encantador humorismo. As *Cantigas* são para o século XIII o mesmo que os *Beatos* para os séculos X e XI".

"Para ter em conta (prosegue Lozoya) a importância deste enorme repertório, é preciso recordar que o códice do Escorial compreende 1257 cenas, que ocupam duzentas e dez páginas, e o de Florença oitenta e nove páginas com ilustrações e a particularidade de que as cantigas representadas são todas diferentes das do escorialense. E, como faz observar Durrieu, o autor não se limitava a agrupar em cada passagem cinco ou seis figurinhas amaneiradas como sucede nas

bíblias francesas, mas prodigaliza os actores e dota-os da maior variedade em atitudes e expressões. Os códices das *Cantigas* são talvez o maior esforço da plástica narrativa da Idade Média”.

“Os pintores (continua Lozoya) eram sem dúvida espanhóis, ainda que Amador de los Rios aponte a suspeita do seu italianismo. A influência italiana — combinada com a francesa e com um acervo copiosíssimo de tradições locais — nota-se, sobretudo no precoce intento de modelar as figuras. Estas influências viriam, em todo o caso, não através de Aragão, como supõe Dominguez Bordona, mas directamente, pois Afonso X, como rei eleito dos Romanos, esteve em constante relação com as mais importantes cidades da Itália, e está demonstrada a procedência italiana de alguns dos seus mais notáveis colaboradores literários. O Códice de Florença, em grande parte por terminar, dá-nos curiosos pormenores de técnica. Os artistas desenharam todas as miniaturas, mas somente parte delas foram totalmente acabadas. Nalgumas pintou-se somente a paisagem e as architecturas; noutras deu-se cor somente aos trajes, deixando as carnes por fazer”.

Nunca me esqueço do que, em Madrid, em Agosto de 1934, numa conversa de acaso com o então secretário da Academia Espanhola, o ilustre e malogrado D. Emilio Cotarelo y Morí, lhe ouvi sobre a excelência artística dos códices das *Cantigas* e do intuito de D. António Maura “un hombre muy por en riba de todo esto” — na sua própria expressão, em fazer deles uma reprodução a cores, fidedigna segundo os processos modernos — o que no entanto, por motivo da verba, se tornara impossível realizar. Serviço de incalculável valor cultural para todo o mundo culto, já tive ocasião de para ele chamar a atenção da poderosa Fundação Gulbenkian: e daqui tomo a liberdade de insistir no apelo.

No recente Congresso Luso-Espanhol do Porto, a que entendi dever apresentar uma breve comunicação ainda sobre as *Cantigas de Santa Maria*, tive o gosto de ser informado pelo meu exmo. colega e velho amigo, sr. dr. Fernando de Castro Pires de Lima, ilustre director do Museu de Etnografia e História da Cidade, da publicação em Madrid, em 1949, dum livro que eu desconhecia: *Las Cantigas — estudio arqueológico de las miniaturas*, por José Guerreiro Lovillo — (Livraria Científica Medinacelli — Duque de Medina, 4). Estudo especial ao que parece, sobre as miniaturas, as suas reproduções satisfarão provisoriamente quem se interessar, porventura.